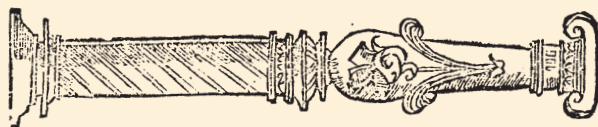


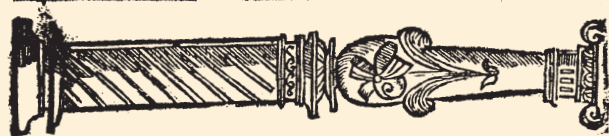
Maria Idalina Resina Rodrigues

# DE GIL VICENTE A 'UM AUTO DE GIL VICENTE'

LIVRO PRIMEYRO.



Auto chamado da Mofina mendez.



A obra seguinte foy representada ao excellento Principe & muyto poderoso Rey dom loão terceyro : ende-  
reçada a as matinas do Natal , na era do Senhor  
de M. D. xxxij.



*Título:* De Gil Vicente a 'Um Auto de Gil Vicente'

*Autor:* Maria Idalina Resina Rodrigues

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Revisão do texto:* Paula Lobo

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Janeiro de 2006

*ISBN:* 972-27-1422-8

*Depósito legal:* 234 708/05

*Ao Duarte*

*À Sophia*

*Ao Oliver*

*Ao Gonçalo*

*porque as letras também transportam afectos*

## A ABRIR

1. Não sei se Gil Vicente, o nosso primeiro e talentoso dramaturgo, já teve ou não os agradecimentos que merece deste povo de mal agradecidos (pelo menos, aparentemente...).

Penso nisso algumas vezes e experimento certo desconforto com a resposta (a minha, evidentemente). O que de modo algum implica o desconhecimento do que de muito bom sobre ele se tem escrito ou põe em causa aplaudidos resultados de subidas ao palco.

Todos nós temos a tentação de medir, a partir dos nossos, os cuidados e os afectos dos outros, e, possivelmente, é isso que se passa comigo. De há muito ligada por grato convívio àquele Gil que fazia autos, ficam a saber-me a pouco as expressões do apreço alheio; ou, melhor dizendo, sei que tenho muitos e competentes companheiros (e mestres) de caminhada, mas insisto em pensar que todos ganharíamos se mais e novos passos fossem dados para que outros, muitos outros, partilhassem do entusiasmo de uns quantos, lendo, representando ou fazendo representar e desfrutando das boas encenações dos escritos deste velho e sempre novo autor do nosso glorioso (porque não?) quinhentismo.

Entretanto, importa não o calar, muito obrigada fico aos que, isoladamente, ou em equipas organizadas, se dispuseram a essa (aliciante) tarefa de alargar o grupo dos amigos de Gil Vicente, em diversas lides se envolvendo e, às vezes sem o saberem, estimulando indecisos, empurrando pouco convictos ou lançando desafios aos que têm de continuar a rota.

Assim, as comemorações de 2002 fizeram o que puderam; quase não vou destacar realizações, porque, sem ter ao meu alcance um balanço que certamente será ainda feito (sei, evidentemente, do Congresso em Lisboa, das conferências no Porto, da série de intervenções em Coimbra e de al-

guns outros eventos) correria o risco de ser injusta; estão a sair actas, ensaios, artigos que, devidamente contabilizados, darão a justa medida do impacto dos esforços levados a cabo; chegou até nós uma edição de Obras completas com que futuramente teremos de contar, chegou ao mercado um CD-ROM de indesmentível utilidade em era de exigências do audiovisual.

Quanto a espectáculos, graças a Deus e a esforçados directores de companhias, houve muitos por esse Portugal adentro, mas nem por isso os teatros nacionais, por razões de que não sou juíza, se mostraram particularmente activos; no confronto com os grupos independentes, foram, creio, os grandes perdedores (ou perdemos, nós, se se preferir).

E nem só Portugal se movimentou; também no Brasil e em Espanha tributo importante foi prestado ao escritor português, também os afazeres se sucederam por parte dos lusitanistas estrangeiros e dos leitorados ou cátedras de Português, na Europa e nos Estados Unidos.

2. Porque numa introdução não caberiam, nem seria muito apropriado (outras fontes podem ser consultadas) citar nomes e títulos individuais, e uma vez que, embora sem delongas, se lavrou registo das saudações universitário-teatrais aos quinhentos anos da *Visitação*, que, talvez, melhor conhecemos como *Monólogo do Vaqueiro* (1502-2002), restamos o quase dever de, com idêntica mas não tão rígida brevidade, inflectir o nosso olhar de simpatia para anteriores homenagens ao seu autor, quanto mais não seja para equilibrar mágoas iniciais e evitar um julgamento de vazio de memórias por parte dos nossos antepassados do século que findou.

Das celebrações de 1965 (possível centenário do nascimento de Gil Vicente), tenho agradável recordação, particularmente do *Simpósio Vicentino*, na Faculdade de Letras de Lisboa, onde era então jovem assistente; do dizer dos seus organizadores (entre os quais o sempre saudoso Vitorino Nemésio e o ainda bem activo Pina Martins), ficou-me a ideia de que fora concebido como uma espécie de reunião familiar dos vicentistas europeus e, de facto, nesse encontro ocorrido entre 30 de Novembro e 3 de Dezembro, tive oportunidade de conhecer pessoalmente algumas das figuras cuja obra já me não era desconhecida (para além de Paul Teyssier, Albin Beau, Eugenio Asensio, Luciana Stegagno Picchio, Mário Martins, Costa Ramalho e muitos outros).

Toda a então *Secção de Filologia Românica*, desde *Hernâni Cidade*, já jubilado, até aos jovens *Esther de Lemos* e *David Mourão-Ferreira*, se

*empenhou no bom rendimento dos trabalhos, entre os quais, como sempre, houve os muito bons, os bons... e os outros.*

*Pena foi que se não publicassem actas (algumas das intervenções apareceriam em revistas nos anos seguintes), mas a verdade é que, de adiamento em adiamento, acabaram por não vir à luz; como pena foi que tivessem faltado meios para que as duas edições, relativamente às quais tantas promessas foram feitas (uma seria mais acessível a qualquer público, outra mais erudita e ligada à Copilaçam de 1562), pudessem passar de atraentes projectos a objectos expostos nas montras das livrarias. As que por então se publicaram, e não deixam de ter o seu mérito (Porto, Lello e Irmão, 1965, e Lisboa, Minerva, 1966-1968), são alheias às propostas do Simpósio.*

*Com o auxílio de um catálogo então publicado (V Centenário de Gil Vicente, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1965) chego facilmente a outras actividades em que só parcialmente participei (vendo teatro, naturalmente) e recapitulo propósitos, apoios, dificuldades de quem teve a seu cargo a responsabilidade de pertencer a uma comissão nacional.*

*Entre outras, recollo notícias de que em Lisboa, pelas mesmas datas, a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro representou algumas peças do nosso autor, em digressão as levando, pelo menos, ao Porto; à capital trouxeram ainda o TUP (encenação de António Pedro, ilustração musical de António Victorino d'Almeida) e o TEUC ( direcção e encenação de Paulo Quintela) excelentes espectáculos.*

*Muito provavelmente, noutras cidades, também por esses dias, se foi ao teatro, mas sobre tais idas nada nos adianta a nossa cábula.*

*De conferências e debates (o TEUC, por exemplo, organizou um ciclo), de exposições (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal do Porto, Biblioteca Pública de Évora, Biblioteca Municipal de Santarém) e de um punhado de outras iniciativas (palestras pela rádio, colóquios nas escolas, emissão de selos e de uma medalha, etc.), sim, lá está o elenco explicativo.*

*Recuando umas décadas, encontramos-nos com o ano de 1937, aproveitado para recordar uma hipotética data da morte do dramaturgo (ainda 1536?, 1537?, anos a partir dos quais deixa de aparecer referenciado); das iniciativas concertadas são bom testemunho os dois volumes publicados: Centenário de Gil Vicente (1537-1937). Livro em que se contêm as obras do poeta representadas nas Récitas Vicentinas, de Gala, Escolares e Populares, realizadas em Lisboa e Província, acompanhadas das palavras que então foram ditas, e mandado publicar pelo Ministério da Educação Nacional, Lisboa, Im-*

*prensa Nacional, 1937; Gil Vicente. Vida e Obra. Série de conferências realizadas na Academia das Ciências de Lisboa, de 8 de Abril a 21 de Junho de 1937, em comemoração do IV Centenário da Morte do Fundador do Teatro Português, Lisboa, Academia das Ciências, 1939.*

*Percorrendo-os, sem preconceitos, uma vez que os estudos vicentinos se desdobraram em novas direcções a partir de então, é com o preito de grandes nomes da intelectualidade da época (das letras, mas não só) que nos confrontamos e com muito trabalho feito em matéria de divulgação e tradução de textos; sem prejuízo, evidentemente, de também algum material, disseminado em publicações de diferente índole, se ter revestido de não menosprezável significado.*

*Complementarmente, entre 31 de Maio e 4 de Junho, o Teatro Nacional mostrou aos espectadores encenações da Cananea (apenas a súplica, dita por Lucília Simões), da Exortação da Guerra, da Mofina Mendes e de Inês Pereira. Os mais reputados actores de então (Amélia Rey Colaço, Adelina Abranches, João Villaret, entre outros) tiveram a seu cargo os principais papéis.*

*De começos do século, de 1902, precisamente, recolhemos a notícia de um quarto centenário do Monólogo do Vaqueiro (assim se tendo preferenciado, como em 2002, uma data segura), com várias obras avulsas editadas (por especial aplicação da editora Três Bibliotecas) e alguma colaboração em revistas, entre as quais a Revista de Guimarães, muito provavelmente por sempre se ter habilitado a cidade a local de nascimento do dramaturgo (o que está por provar, note-se); gente do campo da Literatura, da Filologia e da Etnologia manifesta a sua sábia boa vontade em alargar os conhecimentos vicentinos: H. Lopes de Mendonça, J. Leite de Vasconcelos, Sousa Viterbo, estão entre os mais optimistas, e, no entanto, já em 1898, Afonso Lopes Vieira fizera representar, no Teatro de D. Maria II, o Pastoril Português, gesto que, em certa medida, podemos considerar um adiantamento da campanha vicentina que desenvolveria continuamente a partir de 1910, e, pelos vistos, não tinha abandonado em 1937.*

3. *Fechemos o circuito. Se posso admitir que haja homenagens irrisantemente académicas (no sentido menos nobre da palavra, que não é único, reconheça-se) ou politicamente aproveitadas (politicamente correctas, diríamos?), julgo que as quatro comemorações apontadas tiveram indiscutivelmente um bom rendimento.*

*Nada é perfeito neste imperfeito mundo, mas quem dá o que tem a mais não está obrigado, continuamos nós a afiançar.*

*Insistiremos em proclamar que devia fazer-se mais pelo nosso primeiro e grande dramaturgo? Sem dúvida; por mim, não retiro queixas e ainda as reforçarei, se até os programas oficiais das escolas de Gil Vicente se forem esquecendo.*

*Mas, para se não ser como o tal Frei Tomás (faz o que ele diz, não faças o que ele faz), tão ou mais importante do que clamar é ir fazendo coisas: motivar os mais novos, acarinhar os espectáculos, prosseguir com investigação pessoal, publicar de vez em quando.*

*E isso, por acaso, até está ao meu alcance.*

*Como, claro, ao alcance está de outros vicentistas que de tal nos têm dado provas.*

*Assim, explicada fica, então, no seu ponto de arranque, esta selecção de artigos (os escritos dispersos resistem menos à erosão do tempo), com um imprescindível acrescento de, sem sombra de dúvida, 2002 muito me ter animado a escolhas, revisões e compilação final.*

*Resta precisar como nasceram e por onde andaram os textos que agora se reúnem.*

*Alguns surgiram a partir de solicitações pontuais, outros foram encargos para as comemorações; uns e outros muito devem, sobretudo quanto aos materiais carreados, a duas situações particulares: a responsabilidade por um seminário de Literaturas Ibéricas no mestrado de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras de Lisboa e a condição de membro do Centro Inter-Universitário de Estudos de História da Espiritualidade, com ligação à Universidade do Porto. Possibilidades de troca de impressões com colegas, sugestões da participação activa dos mestrandos, foram ajudas que não ponho de parte.*

*Quanto a perspectivas dominantes, e resguardada a intenção primordial de que nunca os meus textos quiseram afastar-se da sua condição de pontes para o convívio com os que de verdade importa saborear, reconhecimento, antes de mais, a da escolha de um corpus capaz de compatibilizar o Gil Vicente português com o Gil Vicente espanhol (tanto me atraiu a Sibila Cassandra como a Mofina Mendes, por exemplo) e de, no quadro desta compatibilização, me adentrar pelo terreno do bilinguismo (ou mesmo plurilinguismo) no teatro ibérico dos séculos XVI e XVII, com particular incidência nos escritos em que as línguas convergem, escritos estes tantas vezes abandonados dos dois lados da fronteira luso-espanhola; se privilegiei as Cortes de Júpiter, também me debrucei sobre o Templo d'Apolo e sobre outras peças, até porque, em meu entender, as frequentemente chamadas obras festivas, compostas sobretudo a partir de 1521, constituem um núcleo particularmente bem sucedido do teatro*



*vicentino, pela variedade e cruzamento das figuras, pela agilidade do discurso, pela captação de novas heranças literárias, pela força dos cantares e das sugestões cromáticas; são realmente convites para a festa, para uma festa ibérica de dois paladares linguísticos.*

*Pelo que ao bilinguismo respeita, a verdade é que, no âmbito das muitas reflexões sobre o teatro peninsular desses tempos, amiudadas vezes se acentuam e encontram razões para a sua prática, sobretudo quando está em causa a dramaturgia quinhentista portuguesa; a questão segue pelo trilho certo, sobretudo, desde as pesquisas de Paul Teyssier, um dos mais entusiastas e bem apetrechados vicentistas estrangeiros das últimas décadas, que infelizmente, justamente em 2002, ano de festejos, nos foi roubado, acreditamos que por aquele Anjo que, na sua barca, leva os eleitos para o paraíso.*

*No entanto, é sempre possível visitar a informação recolhida e avançar com mais uma ou outra proposta; é possível e frutuoso questionar algumas posturas, ainda que para ceder à força da sua clareza; é possível e frutuoso, para cotejos e sua interpretação, saltar do campo vicentino para o daqueles que vieram a seguir; e possível e frutuoso é considerar o problema ao invés, ou seja, enveredar pela pista do recurso ao português no teatro espanhol. Recurso diminuto, é verdade, também já aflorado por anteriores lusitanistas e hispanistas, está certo, mas, em todo o caso, a merecer um rol de adendas, à medida que os saberes avançam.*

*Por estes atalhos divaguei um par de vezes, alguma recolha fiz, mas a sensação que me fica é a de que há muito mais fios a desdobrar; dei uma ajuda no deslindar da meada (ajuda modesta porque outros antes de mim a haviam já parcialmente desatado) e deixo um sinal para quem quiser continuar.*

*Admito que, com esta orientação, algo tiveram a ver os passos pela dramaturgia posterior a Gil Vicente, algo, mas não demasiado, até porque certos autos, que continuam a interessar-me, nem bilingues são.*

*Motivo mais forte, para não deixar Gil Vicente demasiado desacompanhado, e já em diversas ocasiões preguei o mesmo sermão, foi um certo mal-estar por ver negligenciados, quando não agressivamente desmerecidos, autores que se limitaram a não ser geniais.*

*Será que tal desdém vai prosseguir ou estaremos em tempo de inflexão? Admito como verdadeira a segunda hipótese e para ela gostaria de dar uma achega, a nível da pesquisa e do seu arranjo, com votos de bom sucesso para projectos de edição em curso (Lisboa, Cáceres e País Basco, pelo menos, que eu saiba).*

*Claro que nestes autores sempre vem a talho de foice detectar e distinguir, valorizar ou desvalorizar os prolongamentos da dramaturgia*

*vicentina (se se trata ou não de uma escola, pouco importa para o caso), mas sabendo, como sabemos, que os ecos da prática teatral quinhentista se foram desvanecendo (com raras exceções) ao longo dos séculos seguintes, com eles quedam os traços de um particular aprazimento que só com o ímpeto dos românticos voltaria a confortar-nos.*

*Com reapreciações e traçado de linhas, com críticas a outros estafados modelos, com tentativas de abonar gêneros perdidos, eles deram o seu melhor para uma reapreciação de Gil Vicente, mostrando alguns conhecê-lo razoavelmente e até, e foi o caso de Almeida Garrett, experimentando construir o enlace de um drama de 1838 com trechos e peripécias coladas a um auto de 1521.*

*Passaram os românticos, oscilaram as opiniões em torno do dramaturgo e, sobretudo a partir de Lopes Vieira, seguiram-se as interrogações sobre como levá-lo ao público, muitas vezes, de insuficiente preparação, outras, cheio de preconceitos sobre as mexidas nos textos clássicos, outras ainda, atraído pelo enredo, mas desconfiado quanto à linguagem.*

*São problemas que subsistem, que os encenadores não ignoram (tratamento arqueológico, alternativo ou apenas alterativo, debatem muitas vezes os Espanhóis para o seu teatro do século de ouro) e de que me não quis alhear, se não com uma forte tomada de posição porque para tal me falta competência, pelo menos dando a conhecer algumas decisões actuais, quer com uma viagem de décadas por um único texto (a Barca do Inferno), quer com o (necessariamente incompleto) inventário das mais recentes preparações para a cena.*

*Em suma, circulando por um Gil Vicente bilingue, demorei-me na desmontagem interpretativa de um par de textos, estreitei a convivência com autores que imediatamente o seguiram ou, a larga distância, a ele regressaram, recolhi imagens de articulação e desarticulação de originais, neste nosso tempo em que a arte de encenar muito se descontraíu e avançou.*

*4. Esboçadas as intenções, confirmadas algumas certezas, as afectivas pessoais, as da gratidão para com quem a merece, as de algumas referências celebrativas, chegou a vez das dúvidas; dúvidas sobre critérios de reformulação (ou não) de textos, para evitar recorrências, para apagar generalidades, para introduzir aditamentos que o rodar do tempo foi tornando possíveis; dúvidas sobre adopção do texto vicentino de base, nem sempre o mesmo, à partida, por razões que um certo circunstancialismo justificava, nem sempre sujeito a idêntico procedimento de alterações que pareceram necessárias; dúvidas sobre a manutenção da heterogeneidade dos artigos, ora mais eruditos, ora mais voltados para a divulgação (que não*

é pecado), ora mais interpretativos, ora mais dependentes de bibliografia que se examinou uma vez ainda como imprescindível base de segurança.

Sem grande demora, foram chegando as respostas.

No caso de Gil Vicente, as citações, mais ou menos longas, mais ou menos breves, passaram a remeter sempre para a última e mais aceitável edição das suas obras, a publicada em 2002, com direcção de José Camões, que as notas atempadamente pontuam; assim se desistiu do recurso à edição fac-similada da *Copilaçam*, levada a cabo pela Biblioteca Nacional, em 1928, que ortograficamente em alguns trabalhos se actualizava, e a outras mais recentes, por mais imperfeitas.

No caso de outros dramaturgos, apenas para o *Auto de Santiago*, de Afonso Álvares, se alterou a escolha anterior, preferenciando edição entretanto publicada e devidamente registada no local oportuno.

Quanto à diferente densidade dos textos, pouco havia a fazer: compostos para ocasiões de nem sempre coincidentes objectivos, destinados a integração em revistas de diversificado contorno ou a intervenções orais junto de distintos públicos (portugueses, as mais das vezes, mas também espanhóis e brasileiros), o mais certo seria sempre não os sujeitar a artificiais espartilhos, pelo que apenas se teve em conta a vantagem de varrer certas repetições, compreensíveis em unidades textuais autónomas, mas dispensáveis quando reunidas elas em volume; umas quantas, porém, permaneceram para não quebrar ligações pertinentes no decurso da escrita (e da posterior leitura).

Excepcional foi talvez o tratamento do artigo de fecho, do qual se retiraram largos parágrafos que o afastavam da relação com Gil Vicente, considerado, como é óbvio, linha condutora para o conjunto a publicar.

Acrescentamentos, só os que se afiguraram de particular utilidade, uma vez que a desatenção a certos contributos posteriores à primeira elaboração dos escritos poderia gerar algumas perplexidades, sobretudo atendendo ao que de disponível já existe, em relação a 2002; normalmente, mas nem sempre, tais actualizações são oferecidas em notas.

Na ordenação dos artigos, seguiu-se o procedimento mais comum: trocou-se a sua datação pela dos textos estudados, alertando para os casos incertos, sem deixar de acentuar certos traços evolutivos (para o bem e para o mal) e de fazer ajustadas remissões.

Estes os critérios, com falhas, talvez, mas sempre com a preocupação de melhor servir Gil Vicente, porque é isso que verdadeiramente importa.

Lisboa, Dezembro de 2003

## ÍNDICE

<i>A abrir</i> .....	9
Deambulações e inquietações em torno da <i>Sebila Cassandra</i> .....	17
<i>Os Mistérios da Virgem</i> , desditas da <i>Mofina</i> , invenções de Gil Vicente .....	59
<i>Os Mistérios da Virgem</i> contados por Gil Vicente .....	79
Viajar hoje na <i>Barca do Inferno</i> .....	103
Um adeus com muitos sorrisos .....	121
Lisboa, 1521: as <i>Cortes</i> na corte .....	143
Teatro para despedidas: duas festas, dois olhares .....	167
Gil Vicente: a festa ibérica .....	189
Gil Vicente e os ermitães: tradição e paródia .....	225
Gil Vicente em cena: 1998-2002 .....	271
Santiago e a Virgem de Guadalupe: poderes, protecções e ensinamentos num auto quinhentista .....	295
Hagiografia e teatro: os discutíveis méritos de um <i>Auto de Santo António</i> .....	325
Convívio de línguas no teatro ibérico (séculos XVI e XVII) .....	347
Os românticos e o teatro .....	367
<i>Primeiras versões dos artigos</i> .....	395
	397

Acabou de imprimir-se  
em Janeiro de dois mil e seis.

---

Edição n.º 1012183

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
E-mail: [dco@incm.pt](mailto:dco@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.br](mailto:livraria.camoes@incm.br)